

EDUCAÇÃO, INSTRUÇÃO E CULTURA

Gen. PARGA RODRIGUES

O assunto em pauta é muito debatido; contudo, tenho observado desde muitos anos, ainda não bem compreendido. Temos, mesmo, um pomposo ministério e já uma multidão de doutores e técnicos nisso que, vulgarmente chamamos educação. Cada vez mais, aumentamos a pernicioso confusão feita entre educação e instrução, que nos tem conduzido a essa lastimável falta de educação, de instrução e de cultura reinantes, progressivamente crescentes em a nossa juventude atual, sendo que, a isso devido, penso já haverem sido estragadas, tornadas ineptas bem umas quatro gerações de inteligentes brasileiros.

Um mal-estar geral vem, já de longe, oprimindo o nosso povo, principalmente, nos domínios da sociologia, com repercussão até na intimidade de nossa vida privada, sem que nos possamos aperceber de sua causa principal. Esta, não tinha e não tenho eu a menor dúvida, apresenta-se sob dois aspectos:

Primeiro — Confundimos e misturamos coisas intimamente ligadas, porém, até certo ponto, diferentes, embora componentes da formação, tão perfeita quanto possível do indivíduo: educação, instrução e cultura.

Segundo — Citamos com frequência, o "Conhece-te a ti mesmo" dos gregos e, na prática, mostramos ignorá-lo, mesmo sob o aspecto meramente humano.

Vivemos, assim como que envolvidos em uma densa nuvem formada por êsses dois aspectos, em um círculo vicioso que nos não permite, de maneira conveniente e segura, a resolução de questões de grande simplicidade em aparência, porém, já de muito resolvidas nos

países adiantados, mas, entre nós, ainda em equação, apesar das vistosas soluções repetida e desastrosamente adotadas.

É, pois, imprescindível fixar bem, de maneira insofismável, a noção de educação vendo-se, depois, a relação entre ela e a instrução e cultura.

Um velho e bom dicionário, o "Dicionário Prosódico" de Carvalho e João de Deus, define a educação: "O conjunto do regime a que se sujeitam, dos exemplos que dão e da doutrina que pregam ao menor os pais ou superiores com quem vive".

No "Dicionário de Sinônimos de Fonseca e Roquete", encontra-se:

"Educação, Criação. A criação é o primeiro cuidado que o homem deve a seus pais, ou a quem faz suas vèzes; tanto no físico, para a conservação de sua saúde e robustez, como no moral, para a direção de sua conduta e estudo de suas obrigações. A educação recai sobre a moral e a instrução; supõe já outros princípios mais elevados, idéias mais extensas, regras metódicas para ilustrar a razão, adornar o entendimento, aperfeiçoar o coração e suavizar os costumes. Um lavrador honrado, uma boa mãe, criam bem a seus filhos. Um aio, um preceptor educam, não criam ao manco pôsto ao seu cuidado. A boa criação e a boa educação dirigem-se, essencialmente, a um mesmo fim, que é a perfeição moral do homem; porém, pode dizer-se que a primeira o desbasta, a segunda o pule por meio da instrução. Assim que, o principal defeito de quem não tem criação, é a ignorância".

Vimos no "Dicionário de Moraes": "Educação: Criação que se faz em alguém ou lhe dá; ensino de coisas

que aperfeiçoam o entendimento, ou servem de dirigir a vontade, e também do que respeita ao decôro”.

O de **Candido de Figueiredo** define: “Educação — Ato ou efeito de educar: polidez, cortesia. Educar: Desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais de.... domesticar, adestrar, aclimar”.

Herbert Spencer no seu precioso e muito conhecido livro, “A Educação”, referindo-se ao fato de que entre todos os povos, mesmo os primitivos, índios selvagens africanos, encontra-se o costume de dar-se maior cuidado, maior importância ao luxo do que ao conforto, à elegância do que à comodidade, ao garbo dado pelas vestes do que aos serviços que prestam, mostra que o mesmo gôsto se observa no domínio mental. Diz êle: “É curioso constatar-se que existe a mesma correlação na esfera intelectual. Para o espírito, como para o corpo, o útil cede o passo ao decorativo”.

É como eu, devido às observações que faço desde moço em o nosso meio social, para o qual Spencer, já naquela época (1860), parecia estar escrevendo, dizia e continuo a dizer: aqui no Brasil, parece que na fachada de todos os edifícios e instituições, públicas e privadas, uma mão de ferro escreveu a eterna legenda: **primeiro o fútil; depois o útil.**

Na esfera intelectual diz Spencer que certas línguas estrangeiras são estudadas, não porque sejam de qualquer utilidade, porém, para mostrar-se erudição e gozar-se de melhor conceito na sociedade etc. Não porque possa vir a ser útil alguma vez o seu conhecimento, mas porque o mundo olha êsse gênero de instrução como fazendo parte de uma boa educação. Após a exploração do fato, conclui êle: “Existe em nós uma incessante necessidade de a impormos (1) aos outros e submetê-los à nossa vontade. Está aí o que determina realmente o caráter particular de nossa educação...” “Assim, em todo o curso da vida o importante não é ser, po-

rém, parecer. Em matéria de educação, pois, nos preocupamos menos com o valor real do saber do que com o efeito que possa produzir em outrem”.

Fala mais adiante, em **educação clássica e educação científica**. Depois de muitas considerações sobre a utilidade de várias ciências e conhecimentos, faz Spencer a seguinte série de interrogações:

“Qual a verdadeira linha de conduta a seguir em tôdas as situações, em tôdas as circunstâncias da vida? Como tratar o corpo? Como dirigir a inteligência? Como governar os negócios? De que maneira se deve educar a família? Como é que devemos cumprir o nosso dever de cidadão? De que maneira, enfim, deveremos utilizar tôdas as fontes de felicidade que a natureza deu ao homem? Qual a melhor maneira de empregar tôdas as nossas faculdades para o nosso maior bem e para o de outrem? Como, finalmente, viver uma vida completa? E é isso a grande coisa necessária que nos importa aprender e, também, a grande coisa que a educação deve ensinar. Preparar-nos para a vida completa, tal é o fim da educação; e a única maneira de, racionalmente, julgar um sistema de educação é saber até que ponto êle satisfaz essa finalidade”.

O mesmo Spencer considera as diferentes partes da educação na seguinte ordem racional de hierarquia:

Educação que prepara diretamente a conservação do indivíduo; a que prepara indiretamente essa conservação; a que ensina a educar a família; a que forma o cidadão; a que ensina as artes, requintes (*raffinements*) da vida. Termina essas considerações dizendo: “O ideal da educação, naturalmente, é a completa preparação do homem em tôdas essas divisões”.

Mas, a época em que escreveu Spencer sua preciosíssima obra já há muito passou para a Europa. Nós, porém, e pode qualquer isso verificar (se já disso não estiver

(1) Refere-se à individualidade.

farto), que as observações citadas calham perfeitamente ao nosso meio. Estamos, infelizmente, ainda muito mergulhados no estado observado por Spencer e, como nos limitamos a citar o *Conhece-te a ti mesmo* (mesmo somente sob o aspecto social) sem, de modo algum, pensar em pô-lo em prática, tudo trazemos da Europa ou da América do Norte sob a forma de cópia servil para, sem vislumbre de adaptação ao meio, mesmo na hipótese de trazer-se o que é bom, aqui ser introduzido como planta exótica. Daí o fato de, entre nós, não darem bom resultado hábitos, costumes e leis que, lá nesses países, muito mais adiantados e bem diferentes dos nossos, fazem a felicidade e bem-estar dos seus habitantes.

Em um dos seus apreciados artigos publicado no "Correio da Manhã", sob a epígrafe "Experiência", diz o ilustre homem de letras Bastos Tigre: "Nós, no Brasil, temos vivido a copiar quanto fizeram gentes de outros climas, raças e costumes. Temos sido aproveitadores de roupas usadas que ou nos ficam compridas, ou então, frouxas ou apertadas. Verdadeiros recrutas malamanhados da civilização". É exato e primorosamente expresso o que eu já tenho dito.

Com efeito, quando em um país, cujo adiantamento dista mais de um século acima do nosso se põe em vigor um sistema de instrução é porque se pressupõe, com muito fundamento, que já aí existia bem consolidada como base essencial a educação própria dita. Trazermos, pois, tais coisas que, além de nos não convirem sob outros aspectos, não se podem baseiar em uma educação doméstica criminosamente descuidada, mesmo abandonada: é o mesmo que quereremos vestir essas roupas compridas ou curtas, frouxas ou apertadas. Inútil seria transcrever aqui o que se contém em nossa imprensa diária concernente à falta de educação, principalmente doméstica e cívica, seria matéria para encher um avançado volume. É que nós temos muito descuidado da base sólida e

indispensável sobre que deve repousar um sistema de educação capaz de trazer-nos o verdadeiro progresso.

Um tal sistema, como qualquer instituição social, do mesmo modo que os edifícios, precisa ser firmado em sólidos alicerces. Os nossos legisladores, por sua vez, se têm sempre esquecido do sábio preceito de Pythagoras:

"Não faças leis para o povo. Faze o povo para as leis". Isto é: "É melhor dar aos homens bons costumes do que leis e tribunais severos".

Mas, para isso conseguir, é mister, antes de tudo, fazer uma distinção clara e precisa entre educação própria dita e instrução e cultura. Por não estar isso ainda feito, sequer compreendida sua necessidade, encontramos a cada passo um indivíduo instruído, bem instruído, porém, mal educado; outro bem criado, mas inculto ou ignorante, mesmo analfabeto. Vemos também uma coisa paradoxal que, de modo algum, se poderia dar em meios realmente adiantados: o bolchevismo infiltrou-se no Brasil mais fácil e intensamente no meio intelectual do que no proletariado. É que este não tem preparo intelectual e nem, o que é imensamente pior, a cultura prematura, muito comum naquele outro meio, entre nós, e ainda conserva fortes traços da educação doméstica antiga com o seu manual o "Dont" — do not, hoje completamente esquecido.

Quando ainda na atividade militar, vi muitas demonstrações do benéfico efeito desses rudimentos de educação doméstica herdada dos portugueses e ainda existente entre a gente simples do interior do Brasil. Limite-me a citar o seguinte fato:

O regimento de artilharia, juntamente com os jovens provindos do sorteio, havia incorporado alguns voluntários nordestinos compostos, na sua maioria, de analfabetos. Em um certo dia desapareceu do alojamento o par de perneiras de um soldado.

O "desaperta para a esquerda" não se fêz esperar. Os soldados antigos, entre os quais se encontrava o autor do furto, logo acusaram um desses voluntários que lhes parecia mais tolo. O resultado da rigorosa sindicância feita foi muito pouco favorável ao acusado. O capitão, na impossibilidade de bem poder firmar o seu juízo, mandou viesse à sua presença o voluntário acusado. As perguntas de um interrogatório cerrado, êsse recruta bisonho sempre respondia negativamente; terminou por dizer ao seu capitão: "Saiba V. S. que não fui eu não siô; mia mãe dizia que home qui furtava não tiã vergôia". Substituindo o verbo furtar ou roubar por mentir, outros homens havia que, sômente por lhes haverem dito seus progenitores que homem que mentia não tinha vergonha, não mentiam.

Na Europa, conheci de perto, por meio de um contacto de dois anos e meio, um povo muito adiantado, onde se cuidava tão carinhosamente da educação doméstica, que o cidadão preferia receber um insulto a ser chamado de mal educado; o grau de sólida instrução, a cultura bem orientada dêsse povo, assentadas sôbre essa verdadeira educação, permitiram que êsse grande país, apesar das conseqüências das duas grandes guerras, continuasse a ser um grande foco de irradiações de progresso resultante do sério cultivo da Ciência, da Arte, da Filosofia e da Religião.

Na minha longa vida militar, como comandante de tropa, declarei várias vêzes em relatórios anuais: ...aquilo que chamamos indisciplina é, na maioria dos casos, falta de educação doméstica. Esse continua a ser o maior defeito de nossa boa gente que, cheia de qualidades, como a viva inteligência, generosidade e bravura etc., não as tem harmonizadas com uma verdadeira educação a marchar ao lado da conveniente instrução e coroada com uma cultura adequada e oportuna.

No que se refere à educação doméstica, não será necessário sair de casa e ir muito além da porta da rua, para bem fazer-se uma idéia;

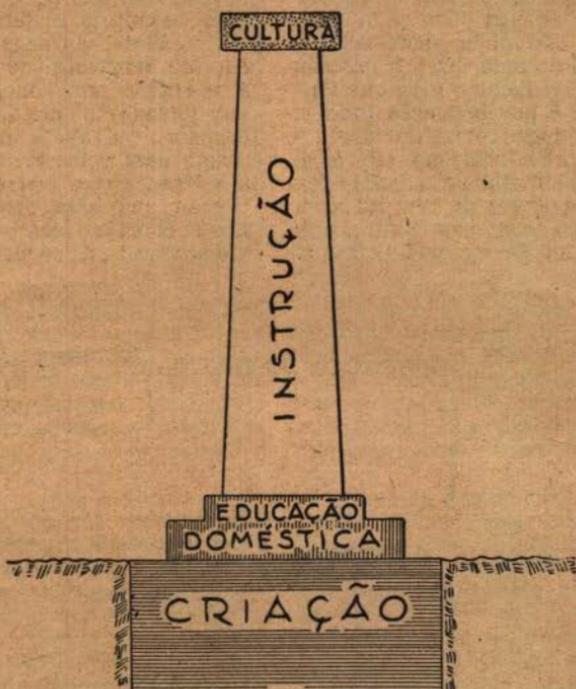
a educação cívica continua a ser precisamente simbolizada com êsse tipo já clássico entre nós — o "Você sabe com quem está falando"? É o sujeito mais ou menos engravatado, mesmo, com um bom grau de responsabilidade social que, ao ser observado por um policial quanto à transgressão da lei, se emper-tiga e lhe faz essa pergunta que, também, exprime o espírito democrático de muita gente boa... Enquanto nos países adiantados o cidadão tem mais vergonha do que mêdo em desobedecer a qualquer lei ou postura municipal, porque lá isso significa falta de educação, aqui, parece ser êsse ato feio coisa bem digna de muita gente, mesmo instruída.

Não menos lamentável é o estado da nossa instrução que, apesar das reformas, pode-se dizer, anuais, se torna cada vez mais complicada e ineficiente.

A cultura, que deveria ser o auge do preparo do indivíduo para poder ser êle útil e eficiente no meio social em que vive, é não só anarquizada como inoportuna. E outra não podia ser a resultante de um sistema que pretende dar ao estudante, quase ao mesmo tempo, instrução, preparo e cultura.

Que se pode esperar do preparo de um indivíduo que, em um ano letivo, estuda onze matérias? Que antes do conveniente preparo em aritmética, já estuda álgebra e geometria; que, antes do bom estudo do português, estuda simultaneamente francês, inglês e latim? Sômente isso que todos vemos: completa ignorância de tudo isso e o fatal e conseqüente aborrecimento do estudo e da boa leitura logo substituídos pelo amor às histórias de quadrinhos — que, além de incapacitarem a nossa juventude para a leitura de bons livros, lhes capa na mente a mais preciosa das qualidades psíquicas humanas — a imaginação, ensinando, ainda aos criminosos, ou aos que tenham tendência para o crime e para a maldade, excelentes lições para a formação de bandidos.

Ora, sem educação doméstica, preparo e imaginação, como poderemos



encaminhar a mocidade para a formação dos futuros engenheiros, artistas, chefes militares, escritores e, enfim, de homens úteis ao país? Se não quisermos continuar a produzir anualmente uma multidão de perigosos parasitas, deveremos, quanto antes, resolver esse grande problema de preparo integral da nossa juventude, tornando-a digna deste grande e portentoso país.

Muito longe iria com as considerações necessárias à justificação do meu modo de considerar esse grande problema da educação e preparo de um povo.

Segundo a exposição que se segue, a primeira coisa a fazer seria mudar completamente a designação do ministério chamado da Educação e Saúde que, até agora não con-

seguiu nos dar nem uma, nem outra coisa: poderia chamar-se mais propriamente Ministério da Instrução. Com a confusão entre educação e instrução obtivemos apenas o abandono do sério problema da educação doméstica (2): não poucos lares deixariam às babás e às professoras públicas a educação doméstica dos filhos.

Dessa pomposa balbúrdia oficialmente chamada educação, que já irremediáveis prejuízos trouxe à nossa juventude e, portanto, ao nosso futuro como nação civilizada, salva-se com muita honra e justiça a nossa escola primária.

O grande e persistente erro nosso não está sendo no querer resolver o problema mediante remodelação da mesma balbuárdia (aliás rica fonte de bons negócios) resultan-

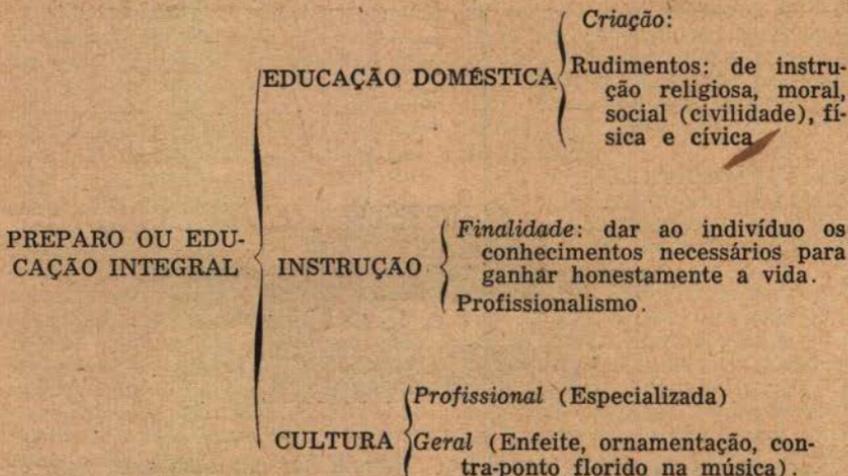
(2) Em uma escola pública do subúrbio, a professora, para não expulsar uma mocinha de mau e inconveniente procedimento, falou pelo telefone à progenitora da aluna pedindo uma providência. Resposta: Ora, as senhoras ganham muito dinheiro para educar os nossos filhos etc...

te da confusão entre os três aspectos do preparo de um povo para essa civilização. Estou de pleno acôrdo com Bonald quando diz: "É preciso entender por educação tudo que forma hábitos, e por instrução tudo o que proporciona conhecimentos".

O preparo do indivíduo, isto é, o sistema cuja finalidade é fazê-lo feliz e torná-lo capaz de ser útil a si mesmo e aos seus semelhantes, em qualquer situação em que venha a

encontrar-se, não pode ser expresso senão imprópria e deficientemente pelo vocábulo educação. Mas, como bem diz Manzine, no Intermezzo: "A instrução sem educação é como uma alavanca a que falte o ponto de apoio. Ou, ainda pior, digo eu, é como uma veloz locomotiva a tôda a força e sem freios.

Penso que essa preparação dos futuros cidadãos será perfeitamente esquematizada da seguinte maneira:



É, pois, absurdo o querer-se dar cultura antes de instrução própria-mente dita ou com ela simultaneamente, a qualquer delas antes da educação. Se simbolizarmos o problema da preparação por uma coluna, veremos, pela analogia, ter essa coluna a criação por alicerce; a educação doméstica por base e o fuste representando a instrução. O capitel, finalmente, representaria a cultura.

A solidez da coluna reside totalmente nessa raiz da educação doméstica — a criação, cuja finalidade é preparar crianças sadias, alegres e capazes de receber, já de tenra idade, no próprio lar, os rudimentos de educação doméstica própria-mente dita. Esta, como o próprio nome diz, tem o seu reino no lar. No Brasil, principalmente, devido à falta de orientação e um doentio sentimentalismo dos proge-

nitores e parentes, deverá esta fase do preparo ser perfeitamente controlada por uma polícia de costumes de fato e não, apenas, de direito... Hoje, sobretudo, com a complexidade das responsabilidades, que já pede nas próprias especialidades uma especialização, não será possível continuem os pais a deixar aos professores o cuidado de fazer o que, para os filhos, de melhor poderiam fazer esses mesmos pais, — dar-lhes uma boa educação doméstica.

A instrução deve ter por objetivo o preparo sólido necessário, tendose em vista, não uma dourice fácil, senão inútil sempre, porém, nociva, e sim a aptidão para o perfeito exercício de uma profissão, isto é, a técnica.

Em vez disso, parece quereremos dar à mocidade educação doméstica, instrução e cultura ao mesmo tem-

po, nos colégios e ginásios. Ora, na escola adquire-se algum conhecimento básico e se aprende o modo de ampliá-lo para se alcançar o preparo; nunca, porém, a cultura que vem mais tarde, pouco a pouco, com os estudos e leituras de gabinete e ao aparecerem os primeiros cabelos brancos. Que preparo poderá adquirir um estudante que estuda quatro línguas, toda a matemática elementar e quase todas as outras ciências ao mesmo tempo devendo, apenas, em alguns meses do ano, dar conta de onze matérias? Terminado o seu curso seriado, o que saberá e poderá ele fazer de útil? O resultado disso é esta outra coisa paradoxal: Temos uma inteligência vivaz, excepcional, somos todos doutores e sábios; mas, quando aqui é preciso fazer-se trabalho de certo vulto (salvo alguns casos de grande nota), mandamos buscar, não doutores, porém, técnicos à Europa ou à América do Norte.

Seria interessante saberem os que me lêem que o que esses técnicos estudam em ciência geral, mesmo em matemática, não vai muito além do *quantum satis*. Mas esse estritamente necessário foi bem estudado e ficou bem sabido.

A instrução, enfim, deveria proporcionar aos nossos jovens um preparo tanto menos doutoresco quanto mais técnico. A medicina deverá emancipar-se, de uma vez para sempre, da vaidade de um título de doutor (hoje distribuído, pode-se dizer, a granel), mesmo quando este corresponda ao preparo do seu possuidor, e muito bem contentar-se com os honrosos títulos de médico, advogado, juiz, professor, cirurgião-dentista, capitão, coronel etc.

Essa instrução, baseada em sólida educação doméstica e assim orientada, tem perfeita analogia com o corpo da coluna que tomei para símbolo; sobre ela poderemos colocar a cultura, isto é, o capitel.

A cultura apresenta-se sob dois aspectos:

Cultura profissional e Cultura geral. A primeira compreende os assuntos da história e biografia dizendo respeito estreitamente a cada profissão; a segunda, a cultura ge-

ral, tem por fim a erudição, a ilustração, e é somente necessária aos indivíduos de grandes responsabilidades sociais.

Uma coluna como a figurada, seja ela elegante e simples como as dos estilos dórico, jônico ou toscano ou, ainda, complicado como a egípcia, a assíria, a coríntia, mesmo a composita, somente se prestará a seus fins quando a base (educação doméstica) for muito sólida e assentar firmemente num não menos sólido alicerce (a criação); quando seja o fuste (a instrução) feito com bom material e mui cuidadosamente trabalhado. O capitel, simples ou mais ou menos complicado, é a poesia na vida prática, a ornamentação no desenho, na pintura ou na arquitetura e o contraponto florido na música.

De modo algum me surpreende a falta de base e do capitel nas colunas dos nossos modernos edifícios; elas se fincam sem a menor cerimônia no piso e penetram do mesmo modo o teto. Na música contemporânea, as riquezas do contraponto parecem ser apenas utilizadas para abafar qualquer beleza ou expressão da melodia. A atual pintura, mascarada de arte moderna, é esse horror, esse crime, verdadeira iconoclastia contra a estética; afigura-se-me manifestação de um estrabismo mental. Mas, pergunto, não será tudo isso um retrato feito, como sói sempre acontecer, pela Arte, do estado mental que atravessam os povos ocidentais, conseqüente a um materialismo cada vez mais endêmico? Precisamente. Vejo nisso a mais perfeita expressão do bolchevismo, e, contra este, sob qual seja o aspecto, uma instrução judiciosa baseada numa cuidada educação doméstica, por sua vez, assentada na firme fundação, a antiga Criação. Aquilo que eu em relatórios declarara aos chefes em relação disciplina, posso perfeitamente generalizar dizendo: onde vemos a falta de compostura nas ruas e lugares freqüentados, a desobediência às leis, a displicência no cumprimento dos deveres, a crescente desonestidade, falta de pudor etc., sem aqui enumerar a grande varie-

dade de contravenções, mesmo crimes, contra a moral e a vida do próximo, tudo isso e mais ainda nada mais é do que — falta de educação doméstica.

E não se diga que essa notável deficiência em a nossa preparação para a luta pela vida produza, apenas, incômodos e prejuízos entre nós. Não. O que poderemos esperar para o grande futuro de nossa portentosa pátria quando esta somente tiver para a servir homens e mulheres bolchevizados física, intelectual e moralmente? Como conquistar (conquistar sim, porque isso não se consegue por meio de decreto) uma verdadeira democracia, com uma gente assim, sem a menor consideração pelas pessoas e coisas dignas de respeito e atenção, entre a qual, não raro, encontramos não pequeno número de letrados? É que, mesmo aqueles que conquistam bonitos louros nas escolas e academias falham escandalosamente na prática, quando não tenham aprendido no lar as noções rudimentares de uma verdadeira educação; eles terão a ciência não, porém, o sentimento dos deveres essenciais a uma vida útil e feliz. Para isso será essencial voltarmos ao velho sistema de preparação da juventude, com pequenas adaptações ao progresso já alcançado. Esse sistema que deu ao Brasil bom número de grandes homens, já bem conhecidos em a nossa história e honrados nos países cultos, alguns deles vindos da monarquia, foram os fortes esteios em que se apoiou a nossa atual república cuja degeneração vem sempre crescendo com o desaparecimento desses homens notáveis. O velho sistema, educativo e não educacional como o atual, deu-nos sempre resultados satisfatórios, não porque fôssem os indivíduos por ele preparados mais inteligentes do que as gerações posteriores, porém, firmados em uma boa educação doméstica, foram guiados no preparo intelectual por um sistema mais racional e mais prático. O problema da instrução é perfeitamente análogo ao da alimentação fisiológica. São bem conhecidas as fases da preparação do alimento in-

dispensáveis à nutrição do corpo. Ora, a instrução é a alimentação intelectual. Escolhido o assunto a ser estudado, deverá este passar pelas fases sucessivas da masseração, ensalinação, digestão e assimilação. Isto é: deverá o assunto ser visado em partes sucessivamente, depois analisado para a compreensão, levado a consciência normal depois de entendido e, finalmente, assimilado. O sistema atual quando muito e raramente permite chegar o estudante ao conhecimento do que lhe ensinaram na escola e, já há poucos meses afastado dos estudos pouco ainda sabem do que estudaram. Alguns chegam a mais não saber o que julgavam aprender no ano anterior. Nada mais natural: os assuntos estudados foram compreendidos não, porém, assimilados porque a assimilação é transferência para o subconsciente, seja para a alma, daquilo que apenas ficou na consciência, isto é, no cérebro, no corpo físico.

Essa assimilação, que é a verdadeira posse do conhecimento adquirido, não se consegue somente com a decoração; uma vez bem compreendido o assunto, será, essencialmente, preciso meditar sobre ele. Como, porém, poderá isso fazer o atual estudante que nem de tempo dispõe para abrir a livraria e a meia dúzia de cadernos que diariamente conduz para a escola?

Será, então, inútil, mesmo inconveniente, ir-se procurar uma boa solução do problema, mais uma vez e sempre, na remodelação do sistema atual, que tanto tem de ruim para o preparo intelectual da nossa mocidade, quanto de propício à ganância crescente daqueles que dêse preparo fazem o melhor dos negócios.

Causaria grande admiração comparar-se a limitação dos assuntos e a pobreza de livros didáticos de que dispunham os nossos antepassados, mesmo muitos dos antigos ainda existentes, com o exagêro nos programas de ensino e a plethora dos livros didáticos obrigatórios. Mesmo com o sério interesse de alguns colégios e professores, impossível será cumprir-se um pro-

grama de ensino tão absurdo em um ano letivo reduzido, mais ou menos, a seis meses com o excesso de dias feriados, dias santos e outros que em vez de dia do pai, da mãe, da criança, de mais não sei quê, deveriam chamar-se dias de vadiação.

Mas, não devo continuar a estender-me num assunto que, dada a plutocracia de doutores e técnicos no assunto, já de longa data, deveria estar perfeitamente compreendido dando, portanto, resultados satisfatórios. Longe de querer com-

petir com êsse escol de técnicos e doutores, coloco-me aqui, apenas, na situação de um velho soldado que muito labutou nos problemas de educação e instrução, e cheio de pesar, vê entregar-se nossa pátria, cada vez mais, ao domínio estrangeiro, êste, aliás, inculcado, por causa de perigosíssima desorientação no problema do preparo integral dos nossos futuros cidadãos. É por tudo isso também que venho depositar na porta de "A Defesa Nacional" mais esta pedrinha para a ereção da coluna.

ALVARENGA & RANCHINHO
 "OS MILIONÁRIOS DO RISO"

Todas as Terças Feiras
 às 21,05 hs.

AO MICROFONE FAMOSO DA
RÁDIO TUPI



MOVIMENTADAS AUDIÇÕES
 SOB O PATROCÍNIO DE :

Pêssegos em Calda
Red Indian
 AZEITONAS **LAREIRA**
 PRODUTOS GARANTIDOS PELA
Red Indian S.A.